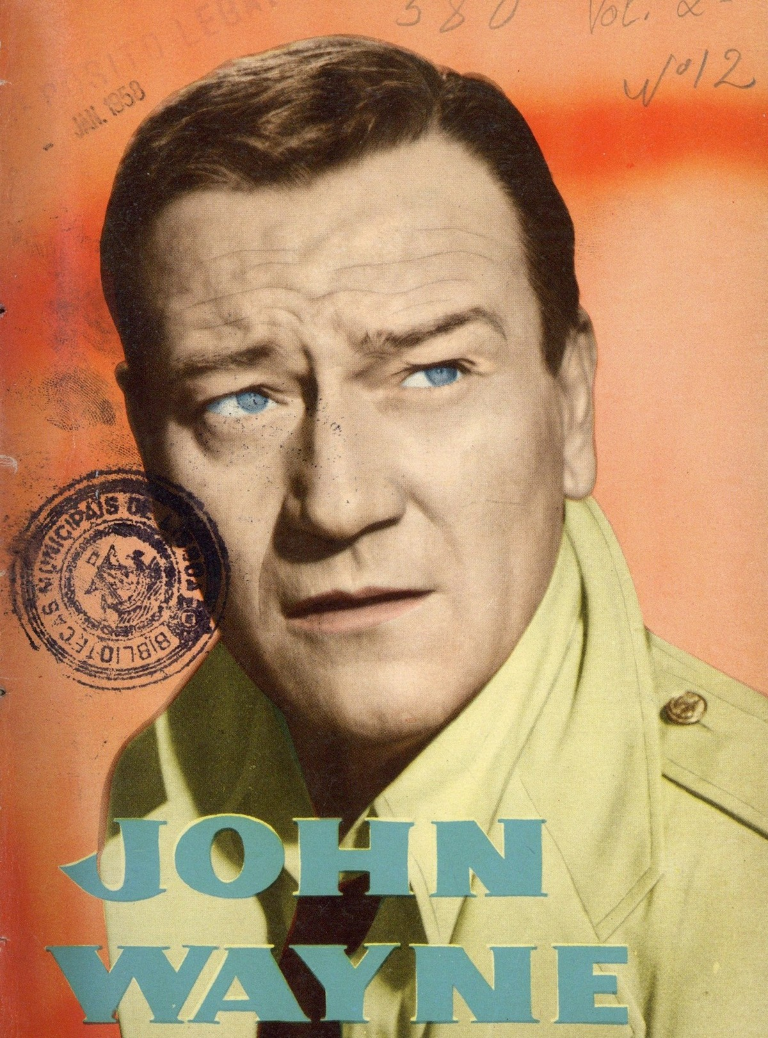


JOHN WAYNE

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958



JOHN WAYNE

UM IDOLO DO CINEMA QUE TRIUNFOU À CUSTA DE MUITA PERSEVERANÇA...

ALBUM DOS ARTISTAS

(2.º Volume — Fasc. 12)

Edição de Aguiar & Dias, Ldª. — Todos os direitos reservados para Portugal, em conformidade com a lei, na apresentação, disposição e conjunto da obra. — Distribuidores e Depositários: Agência Portuguesa de Revistas — Rua Saraiva de Carvalho, 207 — Telefones 668639/ /668684 — LISBOA (Portugal) — Composto e impresso nas Oficinas de Bertrand (Irmãos), Ltd.ª — Travessa da Condessa do Rio, 7 — Lisboa.

FOI numa brilhante manhã de Maio de 1903, em Iowa, Winterset, que nasceu um pequeno, que por uma disparatada ideia de seu pai se baptizou com o nome de mulher, Marion Morrisson, e que mais tarde se chamaria «Duque» e depois «John Wayne».

Seu pai, Clyde Morrisson, era farmacêutico, e quando Marion tinha apenas cinco anos, adoeceu e a conselho do médico vendeu a farmácia, não sem antes se prevenir com um bom número de pirolas, e foi com a sua mulher viver para Lancaster, na Califórnia, uma povoação situada no deserto árido e calmo de Mejave. Em Lancaster começou para Marion uma vida nova, o género de vida que faz as crianças felizes: ar livre, sol, cavalos e terra seca.

Um ano em Lancaster fazendo vida de rancheiro, e de novo Clyde Morrisson vendeu o rancho e mudou-se para Glendale. Ali comprou uma bonita farmácia nos subúrbios de Los Angeles, e Marion cresceu forte e saudável naquele ambiente pouco recomendável que o rodeava. O menino era pouco comunicativo e parecia tímido. Seus pais viram com receio o lugar em que ele começava a conhecer o mundo e decidiram enviá-lo para uma Escola Superior quando ele tivesse idade para isso.

Já na Escola Superior, o pequeno Marion juntou o gosto pela Arte Dramática e o desporto, no «rugby» e futebol, era o herói da escola, e destacou-se também pelas suas grandes faculdades oratórias.

★

A primeira vez que apareceu diante do público foi na Escola, para representar o papel principal de um drama: o papel de um Duque elegante e inteligente que Marion interpretou de maneira excelente. Foi daí que lhe veio o apodo de «Duque» e como o ficaram a conhecer os seus amigos. Era ainda um adolescente e no entanto o seu êxito foi extraordinário; contava já com um enorme público que aplaudia entusiasmado todas as suas interpretações; um incrível número de raparigas acudiu em massa, e suspiravam e aplaudiam com tal vigor e entusiasmo que fizeram corar o rapaz. Foi nessa altura que os seus companheiros notaram a estranha timidez do «Duque» perante as mulheres.

No dia seguinte ao da sua interpretação foi chamado por um dos professores da Escola.

— Morrison, quero fazer-te uma proposta.

— Diga, senhor Brewster...

— Ontem vi-te representar e pareceu-me interessante a tua interpretação no papel de «Duque». Gostarias de dedicar-te ao teatro?

— Nunca tinha pensado nisso, senhor; no entanto eu creio que gosto do palco, embora sinta o peso do público sobre a minha cabeça.

— Bem, rapaz, podemos tentar, que te parece?

— Como, senhor Brewster?

— Vou dar-te lições e voltarás a aparecer diante do público, para ver se é verdade que ele te pesa tanto. Temos que combater a tua timidez.

— De acordo, senhor Brewster.

Marion fez uma pausa e então voltou a falar em tom confidencial:

— Sabe uma coisa? Creio que seria tudo muito mais simples sem público. Ficaria mais livre.

— Estás a falar sobre cinema, Morrisson. Não deves preocupar-te tanto com o público: e demais tu conquistas-te-o incondicionalmente. Ontem à noite a plateia estava cheia de rapariguinhas entusiasmadas.

— Por favor, não falemos mais nisso. Ainda se fosse um público sem mulheres... — suspirou o rapaz.

— Tens medo delas, Marion? — sorriu divertido o professor.

— Um pouco, senhor. E demais elas não me interessam, prefiro jogar o «rugby».

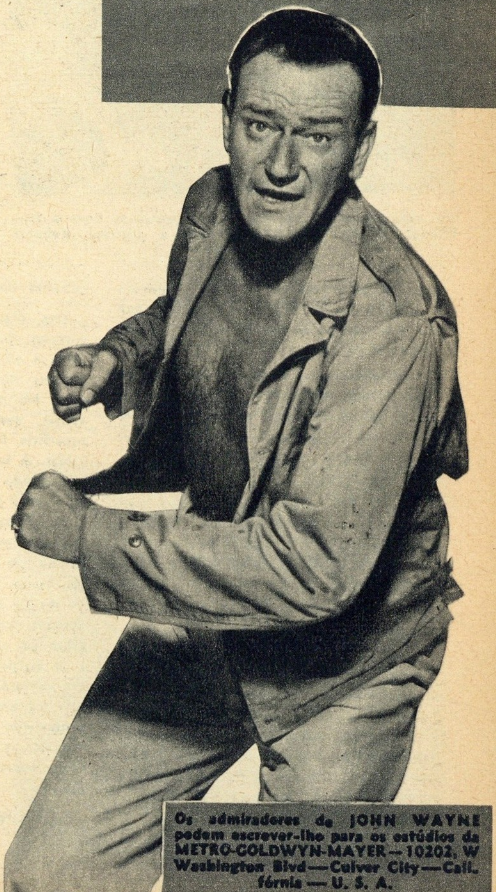
Tommy, um amigo de Morrisson, passava nesse momento a assobiar alegremente e ouviu a sua última frase.

— Que dizes tu a isso Tommy? — perguntou Brewster.

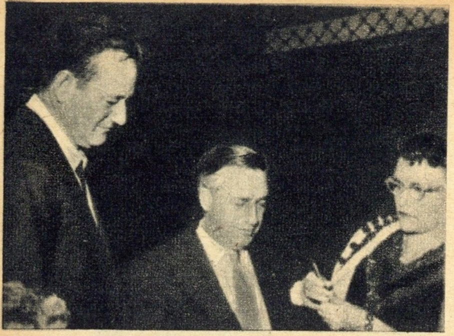
— Que o «Duque» é um rapaz com sorte e não o sabe. Pôs as raparigas loucas — explicou o amigo, piscando um olho ao professor.

— Bem, bem. Adeus rapazes. E já sabes, «Duque», amanhã damos a primeira lição. As lições de Harold Brewster não o ensinaram muito, mas por intermédio delas actuou em várias representações de estudantes. Adivinhava-se fàcilmente quando o «Duque» representava, pelo público feminino que enchia a sala. No entanto Marion continuava a ignorá-las apesar dos esforços destas. Ùnicamente pareceu sair dessa indiferença quando certo dia chegou à escola uma nova aluna: era uma rapariga provocante e de lábios pintados. Sabia olhar com malícia e foi nessa altura a sensação do colégio.

— Caramba! Isto é que é uma mulher — disse um amigo do «Duque». Este olhou detidamente a aprendiza de «Vamp» que vestia de forma diferente de todas as companheiras, pois



Os admiradores de JOHN WAYNE podem escrever-lhe para os estúdios da METRO-GOLDWYN-MAYER — 10202, W Washington Blvd — Culver City — Califórnia — U. S. A.



No «Mocambo», John Wayne encontrou-se com o realizador Mervyn Le Roy e com a cantora Roberta Sherwood.

estas andavam sempre de saia pregueada e camisola de lã. Foi a primeira vez que viu uma rapariga da sua idade com aspecto de mulher e gostou.

— É melhor que vocês não estejam com ilusões; cedo-lhes todas as raparigas da escola em troca desta preciosidade. Será o meu par no baile do fim do curso. — Disse o Duque com seriedade.

— Não vás tão depressa, «Duque», não te vai ser fácil consegui-lo; terás que lutar por ela. E demais tu não sabes dançar e aposto seja o que for em como essa rapariga dança como um pião — disse outro companheiro.

— Aprenderei a dançar — afirmou convencido Marion Morrisson.

E assim fez. Os seus amigos deram-lhe durante uns dias intensivas lições, até ao dia da festa, no entanto os passos do futuro actor eram hesitantes e tropegos, e sem graça. Apesar disso dirigiu-se em passo decidido direito à sereia, mas encontrou-a com outro. O seu rival tinha sabido conquistá-la e ao «Duque» não lhe serviram de nada os esforços.

O primeiro grande fracasso de Wayne foi no último ano que passou na Escola Superior. Aspirava entrar para a Escola Naval de Annapolis e para tal apresentou-se ao concurso de ingresso. Não conseguiu o lugar por meio ponto na classificação e aquilo entristeceu-o. Estava decidido a tomar uma resolução própria dum adolescente que se crê forte mas incompreendido. Pensou que tudo estava perdido para ele. Tinha estudado com afinco e entusiasmo para conseguir ser marinheiro e agora parecia-lhe que nada poderia fazer de jeito.

Uns dias depois, seguindo um velho costume, foi passear para o porto. Era de noite e ali sentado num monte de cordas, pensava no mar que se estendia diante dele. No mar onde se refelectiam luzitas verdes, que ao projectar-se sobre aquela superfície líquida pareciam tiras de esmeraldas. A luz do farol iluminava-lhe de vez em quando o rosto depois de ter passado mais uma vez ràpidamente sobre a água. Umas barcas com as velas recolhidas baloiçavam graciosamente, como se tivessem bebido um pouco mais que a conta. Notava-se-lhe o ritmo olhando para a ponta do mastro maior. Um ruído de sereia ensurdecedor rompeu a calma e conseguiu que o olhar do «Duque» se afastasse do mastro e se dirigisse a tudo quanto o rodeava. À sua esquerda estava um enorme barco onde dois marinheiros estavam de guarda. O seu pensamento foi rápido e os movimentos audazes. Levantou-se com toda a precaução, aproximou-se da escada, e esperou com cautela.

Mais tarde o barco fazia-se ao mar, a caminho de Honolulu, sem saber que levava um vádio que tinha sonhado ser marinheiro e que secava com a manga da camisola o pranto de um sonho desfeito.

A viagem a Honolulu, foi a sua primeira aventura. Mais tarde, já de regresso, teve que trabalhar, e também no trabalho se pôs em evidência o seu espírito desempoeirado. Em certo verão foi para uma quinta apanhar fruta. Depois fez-se condutor de camiões, mas o emprego não durou muito; o negócio foi a pique, teve que procurar novo emprego. Era verão e uma fábrica de gelo pedia empregados para distribuir o gelo ao domicílio. «Duque» foi admitido, mas quando chegou o inverno encontrou-se de novo na rua. Como a fome é exigente, Wayne encontrou emprego numa Companhia de telefones. No entanto aquilo não lhe agradava e começou a arranjar outra solução para o seu futuro. Solicitou um lugar na Universidade do Sul na Califórnia. Concederam-lho sem dificuldade dadas as suas habilitações. Na Universidade tinha fama de ser o homem das muitas actividades, e passou a ser membro de Sigma Chi. Nos desportos contavam com ele como um dos imprescindíveis.

Era naquele tempo costume conceder, no verão, aos atletas, empregos nos Estúdios de Hollywood para que se mantivessem em condições para a temporada de futebol. Em certa ocasião Jonh Ford, o célebre director, tinha visto Morrisson jogar e decidiu pedir para ele um emprego na antiga Fox Film Corporation. «Duque» encaminhou-se no verão para os Estúdios.

— A tua missão aqui consiste em mudar os cenários dum lado para o outro — explicaram-lhe.

Morrisson cumpria a sua missão sem desanimar. Uma manhã em pleno mês de Agosto, com um sol de rachar, «Duque» levava uma cadeira através do cenário e acidentalmente tropeçou com o director Raul Walsh, da Warner Bros.

— Desculpe o acidente — desculpou-se um pouco corado.

— Não tem importância, rapaz; não me magoou. Quem é você?

— Chamo-me Marion Morrisson e sou desportista da Universidade do Sul da Califórnia.

Walsh olhou-o atentamente e recordou-se duma frase que John lhe tinha escrito: «Fixe este rapaz Morrisson, jogador de «rugby». Não é um tipo esplêndido?».

— Ah! — exclamou Walsh — creio que já ouvi falar em ti.

Morrisson foi-se embora e Walsh, ao vê-lo

Não é só na tela que Red Skelton diverte os outros. Também na vida real faz despontar as mais crepitosas gargalhadas nos lábios dos que convivem com ele. Desta vez, foi Wayne a «vítima».





Jonh Wayne foi um dos primeiros «astros» que interpertaram filmes em Cinemascopio. Em «Alto e Poderoso», a que pertence esta imagem, teve uma criação sobria, mas bastante convincente, como de costume.

andar, pensou que Ford tinha razão: Alto, bom aspecto, olhos azuis, cabelos castanhos, e tinha um certo estilo ao andar. Reunia as condições para um actor de cinema. Chamou-o com força:

— Eh! Morrisson! Venha comigo. Largue essa cadeira e acompanhe-me ao meu gabinete.

«Duque» foi imediatamente. Entraram no gabinete de Walsh.

— Estive a pensar e creio que lhe vou dar um papel numa fita. Creio que você reúne espléndidas qualidades para isso. Interessa-lhe? — perguntou o director ràpidamente.

O rapaz não demorou a pensar.

— Sim, senhor Walsh; interessa-me. De que se trata?

— Estou à procura dum actor desconhecido para representar o papel de herói do filme «Caminho Grande». Dou-te dois dias de prazo para te preparares para as provas.

«Duque» não sabia o que fazer; recordava-se das lições do professor Brewster como uma coisa longínqua. Precisava de outro professor que o orientasse, e aqueles dois dias foram para ele de intenso ensaio e aprendizagem. Depois apresentou-se diante de Walsh.

— Rapaz, não sei quem te ensinou esta enfase nem estes gestos absurdos, mas dou-te a minha palavra de director que te os farei esquecer. Essas maneiras fictícias não vão bem com a tua maneira de ser. A tua naturalidade deve ser o teu maior mestre.

★

Enquanto rodavam «Caminho Grande», «Duque» teve ocasião de conhecer o famoso produtor-director John Ford, com quem travou desde aí grande amizade.

Em «Caminho Grande» ele desempenhava o papel de um «cowboy», e antes de sair a propaganda do filme discutiu-se o nome com que se lançaria o futuro actor.

— Tens de arranjar um pseudónimo; se o público lê o nome de Marion Morrisson, julgará que se trata de uma rapariga. Que tal achas o nome de John Wayne?

— Acho bem, Walsh — concordou «Duque» alegremente.

Brindaram pelo novo nome; John Ford estava entre eles e secundou o brinde.

— Para que «Caminho Grande» seja um êxito, — disse Walsh.

— Por John Wayne! Para que chegue a ser um nome entre os primeiros — brindou Ford.

— Pela nossa amizade! — foi o brinde de Wayne.

Mas o brinde tinha ficado no ar e «Caminho Grande» não foi um grande êxito.

Walsh desapareceu durante algum tempo. John continuava em Hollywood a interpretar filmes insignificantes em que sempre representava o papel dum cavaleiro do Oeste. De repente converteu-se em «vaqueiro» cantor da série conhecida como «O trovador Sam». Estas películas deram a John um pouco de experiência; não lhe pagavam bem nem eram favoritas do público, no entanto, serviram-lhe de aprendizagem no cinema e nelas se converteria «Duque», pouco a pouco, no actor que é ainda hoje.

No ano de 1933, quando Wayne interpretava o «Trovador Sam» conheceu uma dominicana, Josefina Alicia Saenz. Foi em casa do doutor José Saenz, pai de Josefina e Cônsul da República Dominicana em Los Angeles naquela época. Dirigiu-se para ela com uma decisão nada habitual nele.

— Tenho muito gosto em o conhecer — disse Josefina. — Você é um vaqueiro cinematográfico excelente.

— E você a mulher mais bonita que até hoje conheci.

E era de facto; 22 anos, morena, de grandes olhos claros, alegre e cheia de vitalidade.

— John, como se arranja para conseguir esses recordes a cavalo?

— Quer que lho ensine? Venha aos estúdios e então conhecerá o segredo.

— Tenho medo de ser mal recebida pelas suas compatriotas femininas.

— Não se preocupe. Para mim a América é só um continente e considero as latinas maravilhosas.

— Tanto como as dos Estados Unidos? — perguntou ingènuamente Josefina.

— Ao empregar o adjectivo «maravilhosas» quero referir-me às melhores.

— Acha que existe alguma diferença entre nós, as da América latina, e as norte-americanas?

— Pois.... eu acho que sim, Josefina. Em vocês manifesta-se maior personalidade, mais carácter, e também mais vitalidade.

Josefina ria alegremente enquanto levava aos lábios uma taça de champanhe.

— É muito divertido escutá-lo, John. Não imaginava essa sua queda pelas latinas.

John aproximou-se mais da mulher; ela colocou o copo sobre a mesa. Olharam-se por uns momentos e ele viu bailar nos olhos claros de Josefina uma mistura de emoção e alegria.

— Lamenta muito esta minha falta de atracção pelas norteamericanas? — perguntou ele com intenção maliciosa.

À dominicana agradava-lhe aquele homem a quem, para falar, tinha que levantar a cabeça; por isso não hesitou em responder-lhe com um pouco de coqueteria:

— Não, não; de modo nenhum, John, até o louvo.

Os dois riram-se divertidos e o riso dela cativou completamente o actor; era um riso franco com personalidade; não se parecia com ninguém a rir; não era estudado e dava-lhe ao rosto um encanto malicioso e ao mesmo tempo ingénuo.

— Virás amanhã aos Estúdios, Josefina? — perguntou Wayne em voz baixa.

★

No dia seguinte, quando o actor estava preparado para filmar, apareceu Josefina.

— Vim para saber o segredo, John — disse tentando evitar uma situação difícil.

— Obrigado por teres vindo, Josefina. Eu tenho mais segredos para ti, prometo. John queria continuar a seu lado e mostrar-lhe todo aquele mundo que ela desconhecia; no entanto chamavam-no com



Uma «pose» para o departamento de publicidade do estudio — banalidade a que não podem esquivar-se nem as mais cintilantes figuras de Hollywood.

insistência e teve que abandonar ali a rapariga, que tudo queria ver com os seus olhos, admirados. Ele voltou depressa a buscá-la, pegou-lhe num braço e mostrou-lhe o seu pequeno mundo de mentiras fantásticas.

— Tu desconheces este ambiente, Josefina, aqui, a noite converte-se por artes mágicas num dia de sol, e uma casinha de madeira de quarenta centímetros num magnífico palácio. Tudo deve ficar perfeito e estragam-se muitos metros de película até se conseguir.

Josefina não dava atenção ao que via, só tinha olhos para o homem que a levava pelo braço. Sentia-se bem a seu lado e sorria feliz.

Viram-na com frequência ir buscá-lo ao Estúdio. Os dois desapareciam e Hollywood comentava com estranheza o êxito da dominicana junto de Wayne.

O pai de Josefina opunha-se teimosamente às relações da filha com o actor; não compreendia onde estava o encanto daquele rapagão um pouco desajeitado e simpático, de personalidade simples, que mais parecia um menino grande. Josefina insistiu e por fim o senhor Saenz teve que render-se à evidência. O par pretendia casar-se e o cônsul muito a seu pesar teve que ceder.

John Wayne entusiasmado foi comunicar a notícia a Loretta Young, sua amiga desde os seus primeiros passos no cinema.

— Loretta, o pai de Josefina consentiu por fim no nosso casamento.

— Parabéns, John. Acho que vão ser muito felizes. Quando se casam?

— Nós desejamos que seja imediatamente. Queres tu ser a madrinha, Loretta?

— Com muito gosto, John.

A cerimónia realizou-se poucos dias depois na esplêndida casa da mãe de Loretta Young. Josefina tinha 22 anos e John Wayne 26. Julgavam sinceramente que os esperava a felicidade para toda a vida.

★

O lar que John tinha preparado para Josefina era realmente maravilhoso, e ela, pelo seu carácter alegre e simples, soube adaptar-se fàcilmente à vida de Hollywood. O casal vivia em completa harmonia. Nasceram dele quatro filhos: Miguel, Toni, Patricio e a pequena Melinda. John vivia feliz e reservava para os meninos o melhor de si mesmo. Reconhecia o esforço de sua esposa, que pelo seu amor tinha mudado o seu mundo onde vivia com requintes de luxo e todas as comodidades, pela que ele lhe ofereceu, simples e sem complicações.

Wayne continuava a fazer filmes e a sua carreira começava agora a delinear-se. Em 1938 a Companhia Republic contratou-o para o papel principal doutra série de filmes sobre o Oeste, chamada «Three Mesquiteers». Foi um grande êxito, pelo



Rude, lutador, hereico, mas sempre atraente para as mulneres — o John Waye de «O Conquistador» é o John Wayne de sempre.

menos de bilheteira. Pouco depois, Walter Wanger contratou John Ford, o velho amigo de Wayne. Ford devia dirigir «A Diligência» e recordou-se imediatamente de Wayne, pelo que lhe deu o papel de protagonista ao lado de Claire Trevor.

John Wayne, sob a genial direcção de Ford, conseguiu uma das mais perfeitas interpretações. «A Diligência», que passou para a antologia do cinema como um dos melhores filmes americanos, obteve um grande êxito artístico e económico. Para o actor foi a varinha mágica que o converteu no «novo astro do ano». O seu trabalho paciente de vários anos cristalizou em «A Diligência» por obra de Ford e também pelo seu próprio esforço.

Sucederam-se outras películas e Wayne consolidava a sua reputação como «o rei da bilheteira». «Forja de corações» e

«Os Usurpadores» com Marlène Dietrich; «Piratas do mar das caraibas» com Paulette Godard. John ia subindo gradualmente as escadas do êxito: converteu-se numa verdadeira atracção e bastava que aparecesse o seu nome numa película para se esgotarem as bilheteiras do país e até do estrangeiro. O nome de John Wayne era uma garantia para ganhos enormes. De todos os lados solicitavam o seu trabalho, e esse mesmo trabalho afastavam-no da família que ele tinha criado.

Josefina, acostumada desde menina a uma vida de sociedade, começou a sentir-se abandonada pelo esposo. Em certa ocasião John chegou a casa cansado e sem dirigir sequer o olhar para a esposa, que tinha estreado um maravilhoso fato de noite, foi directamente ao telefone. Sua mulher seguiu-o; John marcou um número e esperou.

— Red, é «Duque»; espero-te em casa para jogarmos uma partida de xadrês. Tens que me dar a desforra.

Josefina escutou estas palavras e uma lágrima que não pudera ser contida caiu pela sua face.

— John — disse com doçura. — Não me vais acompanhar esta noite a casa dos Davies? Tinham-nos convidado e...

— Sinto muito, querida. Vai tu sòzinha, queres? Eu vou jogar uma partida de xadrês com o Red — respondeu John, enquanto se dirigia para o quarto.

Josefina foi atrás dele e a desilusão desenhava-se no rosto.

— Nem sequer tens um cumprimento amável para o meu vestido. Mandei-o fazer propositadamente para esta festa, pensando que me acompanharias.

— Olha, Josefina, este pouco tempo que tenho livre é meu e portanto quero empregá-lo como melhor me apetecer.

— Então eu significo muito pouco para ti, John. Qualquer dos teus amigos vale muito mais do que eu; nem tu sabes quanto me entristecem as tuas palavras.

O famoso actor americano esteve em Paris... e fez amizade com outro «duro romantico», o célebre Eddie Constantine. Como estão ambos em franca gargalhada, ficamos sem saber se é Wayne que está a troçar do grotesco chapéu «à cow-boy» de Constantine, se é este que está a rir-se do pitoresco boné de John...



O teu gosto é jogar o xadrês com os teus amigos em vez de acompanhares a tua mulher. Tudo tem um limite, John, e eu acho que tu ultrapassaste esse limite.

Josefina, sentada no toucador, chorava nervosamente diante de seu marido.

— Julgava-te capaz de compreenderes os meus gostos e as minhas predilecções, querida. Eu não posso mudar embora tu o lamentes. Temos uma maneira de ver as coisas muito diferentes. Não entendo a tua maneira de encarar a vida, não entendo os teus vestidos nem os teus costumes.

Naquela noite, Josefina desgostosa, não foi à festa. Deitou-se, chorou toda a noite, enquanto John falava com os amigos.

Assim estavam portanto as coisas entre aquele casal, e pouco a pouco as discussões e a falta de compreensão acentuou-se de ambos os lados, até que em 1943, num claro dia de Maio, John Wayne separou-se da sua jovem e popular esposa. O divórcio decretou-se ano e meio



John Wayne é um «bon vivant». Em qualquer reunião de amigos, é sempre dos primeiros a lançar uma boa piada, ou a desfrutar os gracejos dos outros.



OSSOS DO OFICIO!

Ser «astro» famoso pode ser muito interessante, pode ser, até, uma coisa maravilhosa, mas o que podemos garantir é que também oferece os seus «ossozinhos». O nosso amigo Wayne que o diga... Ainda há pouco tempo, em Paris, quando ele julgava que ia gozar calmamente umas férias de turista entusiasmado com a Torre Eiffel e outras belezas no género, se viu atacado por furiosas admiradoras que o deixaram no estado que estão a ver...

mais tarde. O juiz concedeu a Josefina a custódia de Miguel, Toni, Patricio e da pequena Melinda, mas permitia a John que os visitasse quando quisesse. A notícia surpreendeu os amigos de John.

— Este divórcio era natural, Josefina só vivia para visitas e festas de alta sociedade — dizia um.

— Não lhe agradavam as fitas de John — dizia outro em tom confidencial.

— Nem os amigos de John. Aquela rapariga futil não nos podia compreender.

John Wayne tinha escutado isto em silêncio e depois disse:

— Não se esqueçam que para se tratar dum divórcio são precisos dois. Eu aceito também a minha parte de responsabilidade neste assunto.

— Foste demasiado benévolo, «Duque», nem sequer procuraste recusar os encargos e as demandas que tua mulher apresentou no tribunal.

— O facto é que o meu casamento foi um fracasso. Isto não era questão de benevolência.

★

John Wayne, depois deste fracasso, continuou a dedicar-se ainda mais ao seu trabalho cinematográfico. Filmou «No velho Oklahoma» com Marta Scoot, «Uma rapariga diverte-se» com Jean Artur, «Ele e a sua inimiga» com Ella Raines.

O tempo que tinha livre dedicava-o aos amigos, sobre quem exercia uma simpática atracção. Estava continuamente no centro de um círculo de leais amigos; directores, produtores, directores de maquilhagem,









John Wayne, que começou no cinema pelos papéis de «cow-boy», tem uma tendência especial para os filmes de ar livre e pistolas. Em cima, vemos Wayne, Ward Bond e o realizador John Ford (de óculos escuros) a combinar uma cena. Mais uma vez... Wayne, «cow-boy».

fotógrafos, condutores de carros e muitos outros trabalhadores que serviam a indústria cinematográfica. Sítio onde estivesse John Wayne estava também John Ford ou o produtor Robert Fellows. Com eles trabalhava e com eles se divertia; juntos jogavam o poker ou o xadrês, mascavam chiclet, iam pescar trutas nos fins de semana. Ùnicamente se afastava daqueles amigos para voltar ao México, que ele considerava o seu segundo lar.

No México, John Wayne era feliz. Admirava o típico latino e a espontaneidade dos seus habitantes, mistura de chineses, índios e espanhóis; impressionava-o a beleza bem definida das mexicanas e gostava dos cantos mexicanos criavam um clima onde o actor e danças do país. A cor, o ambiente e os se sentia completamente feliz. Numa das suas viagens ao México, quando estava divorciado ùnicamente há um ano de Josefina Saenz, Wayne conheceu Esperanza Bauer, actriz mexicana de 24 anos. Esperanza tinha uma bonita carreira e acabava então de filmar «O Conde de Monte Cristo» com Arturo de Cordova, na qual obteve um grande êxito. Wayne, impressionado mais pela mulher do que pela estrela, principiou um idílio. Viu Esperanza a primeira vez numa festa organizada por gente de cinema. Impressionou-o a magnífica harmonia de movimento que Esperanza, grande bailarina, tinha ao dançar. Decidido, convidou-a para dançar e Esperanza que conhecia o «Rei da bilheteira», como lhe chamavam os exibidores, aceitou deslumbrada. Wayne sentia uma sensação estranha enquanto dançavam melancòlicamente ao som da música. Esperanza parecia uma grande mulher apaixonada; não compreendia o que encerravam aqueles olhos negros e na sua fantasia imaginava que a mexicana levava consigo todo o espírito desse México que ele amava.

— Felicito-te pelo êxito do «Conde de Monte Cristo». Estás admirável — disse John para dizer alguma coisa.

— Admirável, porquê? Como actriz ou como mulher?

— Quase não vi a actriz, estava suspenso de Esperanza Bauer. Prometo fixar-me mais na interpretação na próxima vez.

— Não tem importância. Creio que na vida nada há que tenha demasiada importância, — disse a estrela com seriedade.

Enganas-te; há uma coisa importantíssima: o facto de estar a dançar contigo. Nunca imaginei que a música desse tantas oportunidades. Tu és neste momento a única coisa importante, Esperanza, os teus olhos grandes e negros, os teus movimentos cheios de suavidade...

Teria continuado a falar mas o fim da música interrompeu-o. Foram juntos para o jardim. O cheiro da terra húmida e ardente era agradável para Wayne. Chegaram junto do pequeno lago onde se reflectia a lua. Estavam sós; ùnicamente o reflexo da lua na água escura; sobre eles estava o céu limitado por escuras árvores, e mais acima as estrelas com as suas luzes bruxuleantes. Olharam-se lentamente; Wayne agarrou-a pelos ombros e Esperanza encostou-se docemente a ele.

— Aqui tudo parece muito melhor, não é verdade? — perguntou John acariciando com os lábios a cabeça da mulher.

Esperanza concordou com um gesto. O actor sentia-se emocionado e tudo que não fosse aquela mulher não existia naquele momento para ele. Afastou-se um pouco de Esperanza e foi acariciando com as mãos todos os contornos da cara de Esperanza. Ela tinha um gracioso nariz achatado como os chineses, e Wayne divertiu-se ao descobri-lo.

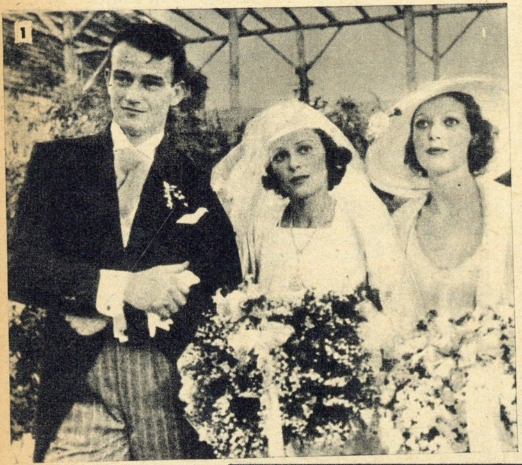
— Olha, uma herança dos teus antepassados! Ainda ninguém te disse que és uma chata maravilhosa?

— Creio que ainda ninguém como tu — respondeu sorridente.

John voltou a atraí-la para si e beijou-a na ponta do nariz.

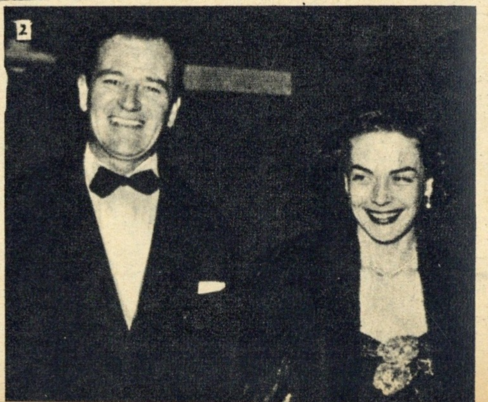
— Desde agora, passarás a ser Chata, para mim.

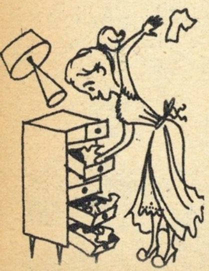
Imagens da vida sentimental de JOHN WAYNE











Nestas páginas, podemos ver um breve resumo fotográfico da vida sentimental de John Wayne: 1) Casou-se pela primeira vez com Josefina Saenz, na casa de Loretta Young. De origem mexicana, Josefina era filha do cônsul americano no Panamá. O casamento durou dez anos, e o divórcio deixou Wayne muito abalado. 2) A princípio, foi feliz com a insinuante «Chata» —a segunda mexicana da sua vida matrimonial. Ele admirava as qualidades das mulheres latinas... mas, no tempestuoso divórcio, acusou Esperança (Chata) de jogar, beber e receber visitas masculinas em sua própria casa. 3, 4 e 5) Terceiro casamento: a jovem e linda peruana Pilar Pallete, também divorciada.



— Ah! Um novo nome, John?

— Permite-me que o faça. Mudei tantas vezes o meu que não resisto à tentação de fazer agora o mesmo contigo.

— Só para ti, John? — perguntou mimosa.

Esperanza tinha levantado a cabeça para ele e os seus lábios estavam cheios de promessas para John.

— Só para mim, pequena; mas para toda a vida.

Assim que terminou a frase, o resto foi fácil; levantou o queixo de Esperanza e beijou-a. Aquilo parecia-lhe um sonho.

— Ainda pensas que nada vale a pena, Chata?

— Não, John; mas tenho medo de despertar. É realidade a tua presença aqui, querido?

Ele beijou-a novamente.

— Estou enamorado de ti como um colegial. Se és realidade ou não, ignoro-o; creio que só tu existes, este lago e as árvores e tudo o mais que nos rodeia; neste momento é tudo quanto existe para mim. Se há mais alguma coisa teremos que o descobrir juntos.

— Desejo que seja assim, John. Eu também sinto como se te tivesse amado durante toda a vida. Aqui no meu México sonhador eu esperava-te. Agora estou convencida de que és realidade, uma maravilhosa realidade.

A paixão deles teinha sido repentina; ele porque admirava nas latinas a sua vitalidade, a sua beleza e a sua originalidade; ela por que via em John um homem de grande coração e de atracção irresistível. John era o segundo Morrisson da sua vida; antes tinha estado casada com um estudante mexicano chamado Eugénio Morrisson.

★

Quando Wayne regressou a Hollywood, Esperanza foi ter com ele, e em Janeiro de 1946 quando John já tinha feito 38 anos e estava considerado como uma das grandes figuras da Meca do Cinema, casaram-se. Desta vez a cerimónia realizou-se em Long Beach, em casa da mãe de John.

Pouco depois de casada, Esperanza descobriu que os compromissos cinematográficos do marido tinham-no constantemente ocupado. John Wayne filmava quatro a cinco películas por ano, e a maioria delas fora de Hollywood. Também os negócios onde John invertia quase todo o seu dinheiro lhe ocupavam bastante tempo; a sua fortuna multiplicava-se e portanto aquelas grandes quantidades de dólares tinham de ser colocadas em novas empresas. Punha dinheiro nas películas em que ele não intervinha como actor, pois que uma vez associado com o seu amigo Fellows, produzia películas para a Warner Bros, firma com quem ele, desde 1950, trabalhava em exclusivo, como actor e como produtor; possuía ranchos onde tinha imenso gado, poços de petróleo, prédios, acções em muitas companhias e sociedades anónimas e importantes interesses no exterior, especialmente no México. Os seus compromissos com o cinema eram superiores às suas possibilidades, chegando a recusar ofertas.

Esperanza tinha procurado que o seu casamento fosse um êxito; via agora o abandono que o marido lhe dava e portanto sofria. Foi amável e gentil com os filhos que John tivera de Josefina, pois via quanto o marido os amava. Em 1951, Wayne levou os pequenos para a Irlanda, e Esperanza teve que ficar só em casa. Sentiu-se ferida e começou a fazer frequentes viagens ao México.

Esperanza tinha dito:

— Meu marido é um homem que só vive para os negócios. Está todo o dia fora de casa. Quando volta fica a ler os guiões; se tem convidados para o jantar, são pessoas que vão para falar ùnicamente de negócios. Mas se são meus convidados nunca consigo que se vista decentemente.

— Passo muito tempo nos estúdios, disfarçado, por isso acho que devo andar



Wayne e o prestigioso realizador John Ford são grandes amigos desde os primeiros passos da carreira daquele. Além disso, o popular actor é o intérprete preferido de Ford, sob cuja direcção tem filmado bastantes vezes. A penúltima película em que se encontraram foi «A Desaparecida». Esta foto boi obtida durante a rodagem desse filme, quando da visita ao «set» da «Warner» da famosa Dolores del Rio, que vemos ao lado do grande director (como sempre, de óculos escuros). Atrás, Wayne, Jack Pennock e Jeffrey Hunter, intérpretes dessa produção.

mais còmodamente em casa — respondia Wayne. Não devo esquecer a minha dignidade. Se Chata quer ser minha esposa, muito bem. Se quer ser uma rainha, creio que até isso eu lhe poderia arranjar. Mas da forma como estávamos a viver não podia continuar.

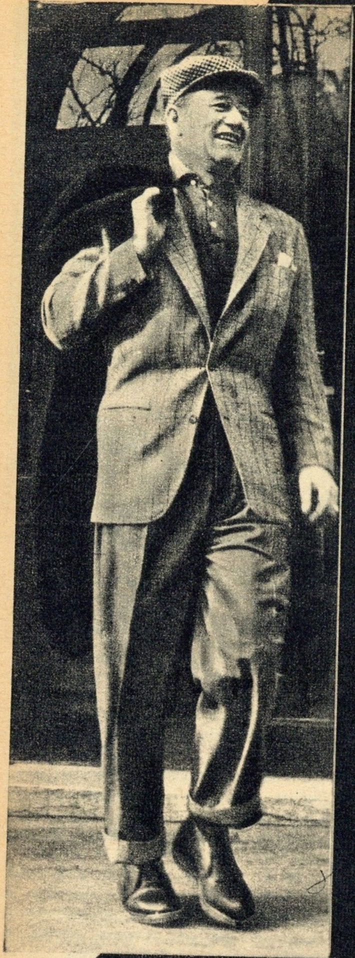
★

A vida de John Wayne não alterou o seu ritmo. Procurou dedicar mais tempo aos filhos, e por isso as visitas a casa de Josefina fizeram muitos pensar que o actor se reconciliaria com a sua primeira mulher.

— Não nos podemos reconciliar; passaram-se muitas coisas desagradáveis — declarou John.

Os factos foram as melhores testemunhas das suas palavras.

Em 31 de Janeiro de 1953, John Wayne foi a Reno ser padrinho de casamento do seu amigo Grant Withers. A madrinha do casamento era uma formosa peruana de cabelo negro de azeviche e olhos escuros:



JOHN WAYNE humorista...

JOHN WAYNE disse certa vez a um grupo de amigos:

— Acabo de ler numa revista um tremendo artigo contra o vício de fumar. E asseguro-lhes que me deu calafrios terríveis, os perigos que nós, os fumadores, corremos.

— E que decidiste? — perguntou-lhe um dos amigos.

— Não ler mais essa revista! — exclamou John. E ficou tranquilo.

★

JOHN WAYNE encontrava-se numa farmácia quando entrou uma linda rapariga que meteu uma moeda numa balança automática para se pesar. O que a báscula registou fê-la abrir os olhos assustada. Imediatamente tirou o casaco e voltou a pesar-se. Também o resultado desta a não satisfez. Tirou os sapatos mas verificou que já não tinha mais moedas.

John Wayne, que estava a contemplar a cena com muito interesse, dirigiu-se à rapariga.

— Não pare menina. Continue a verificar o seu peso, e a despir-se. Tenho aqui um monte de moedas e estou à sua disposição.

Pilar Palette, recentemente divorciada de Richard Weldy, director em Lima duma importante companhia de aviação norte-americana. Era a terceira mulher que aparecia na sua vida, e John teve consciência disso. Regressaram juntos a Hollywood.

John Wayne apresentou Palette aos amigos, saiu com ela várias noites, acompanhava-a a clubes e não ocultou que estava novamente apaixonado.

— Queria que fosses minha esposa; não resisto a continuar esta comédia de absurdos noivos em dia de festa — disse o actor impaciente.

— Tem paciência, John, o meu divórcio não é nenhuma brincadeira. De momento somos felizes e isto é o mais importante. Não nos devemos atormentar exigindo mais do que aquilo que possuímos. Temos uma coisa muito valiosa de que cuidar, o nosso amor, John. Portanto sejamos pacientes. Tu estás certo de que queres que eu seja tua esposa?

— Claro que sim, querida. Porque fazes essa pergunta?

— Só por curiosidade, John, perdoa-me.

— Mas por agora deveríamos de apressar esse teu divórcio. É melhor que nos casemos.

— Tenho medo da tua impaciência, John. Eu não queria ser o teu terceiro fracasso, querido, e creio que tu vais muito depressa.

— Eu não sou homem para «flirtes». Quero ter um lar.

— John, é preciso que saibas uma coisa: eu também quero casar contigo e não quero estorvar a tua tranquilidade, mas creio que deves cooperar e estar a meu lado.

— Pilar, eu quero ser sincero. Eu amo a minha tranquilidade acima de tudo, do cinema e dos meus amigos. Os meus filhos são a minha maior ambição. Gosto de sentir a minha mente clara, compreendes? No admitirei nunca que ninguém estorve a minha serenidade e a minha independência. Quero casar contigo e tu deves aceitar-me tal como eu sou... ou então deixa-me. Sê, portanto, compreensiva.

— Sim, John. Agora compreendo melhor a nossa situação. — fez uma pausa e depois continuou — Tenho que ir imediatamente a Lima para ver como está o meu divórcio... E uma vez em completa liberdade voltaremos a falar sobre o assunto. Será melhor assim.

John Wayne seguiu com os olhos o avião que levava Pilar para Lima, até que não foi mais que uma estrela no céu; já não se distinguia naquela noite clara o lencinho branco que Pilar agitava. Wayne ficou no aeroporto, só; pensou então se valeria a pena voltar a fazer nova experiência; os outros dois fracassos já lhe pesavam dema-



John lida com cavalos desde que principiou a filmar, e as fitas de ar livre e de aventuras estão-lhe na massa do sangue. Por isso Dick Powell lhe confiou o protagonista de «O Conquistador» com a certeza de que «acertava no alvo».

Eu e os meus filhos

Por JOHN WAYNE



O «papá» Wayne com a sua primeira mulher, Josefina, e os filhos (de cima para baixo): Melinda, Patrick, Toni e Michael.

TODO o pai tem direito de contar as «gracinhas» dos pimpolhos, mesmo quando esses pimpolhos já estão com quinze, dezassete, dezanove e vinte e um anos.

Michael foi o primeiro. Sempre pensei que ele fosse a criança mais maravilhosa deste mundo, até ao dia em que disse isso num grupo de amigos, levantando-me, em seguida, para exibir um filme tirado quando Mike era pequeno.

Houve uma decepção geral, pois, aquela criaturinha de orelhas grandes, que gatinhava em direcção à câmara, encontrou um osso já ruído por algum cachorro e sentando-se no chão, pôs-se a chupá-lo calmamente. Desliguei a máquina, e não se falou mais em crianças excepcionais.

Quando Michael foi para o colégio, ficámos com medo que ele não se adaptasse. No primeiro dia de aula, resolvi procurar a Irmã Superiora e falar com ela:



Reunião familiar no iate de Wayne. «Duque e os filhos (já homenzinhos... e mulherzinhas) são muito amigos.



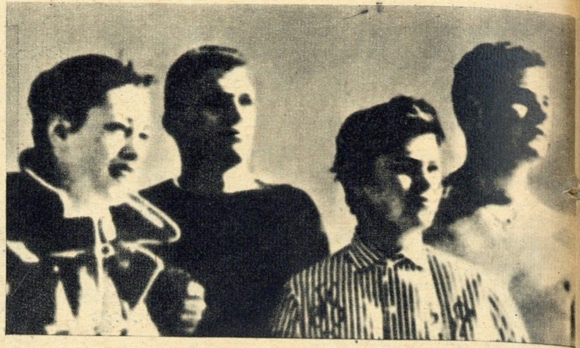
Patrick entusiasmou-se pela carreira de actor, e não lhe foi difícil conseguir um papel num filme. O pai deu-lhe muitos conselhos úteis, e vigiou o seu trabalho até aos mais pequenos pormenores, como podemos ver neste instantâneo...



Em Honolulu, pai e filho (Patrick) encontraram-se em trabalhos de filmagem para películas diferentes, e, mais uma vez, as indicações paternais são ouvidas atentamente. Patrick esteve ali a actuar no célebre filme «Mr. Roberts.

Eu e os meus filhos...

Os quatro filhos de John Wayne: Toni (já casada), Michael, Melinda (a mais nova) e Patrick, que deseja ser um «astro» famoso como o pai.



— Esse menino é só dezasseis meses mais velho do que a irmã, — disse eu. — Está acostumado com muito rigor, para não dar mau exemplo à menina, e talvez seja um pouco tímido.

A Irmã Superiora sorriu e apenas me respondeu que olhasse o meu filho no recreio. Levantei-me, fui até à janela e vi Michael cercado pelos colegas, centralizando todas as atenções.

O tempo foi passando e, quando me separei da minha primeira mulher, foi Michael quem ficou como o homem da casa. E talvez seja por causa disso que sempre teve influência sobre os outros irmãos.

Mas, antes de tudo isso acontecer, quando Mike era bem pequeno, o que me preocupava era a possibilidade de vir a ter uma filha. Que é que eu ia fazer com uma menina? Nunca tive irmãs e não estava habituado a lidar com meninas. Só quando nasceu Toni é que compreendi como era bom ter uma filha.

No é só ela que se lembra do seu primeiro vestido de baile, do seu primeiro bâton. Quando vi a minha menina descer as escadas de vestido comprido... bem, não é preciso explicar como os pais são sentimentais, em relação às filhas.

Mas o meu maior susto foi quando Toni me falou em noivado, há seis meses atrás. Disse-me que se queria casar antes de se formar e que Dom possuía um terreno onde construiriam uma pequena casa. Disse-me ainda que Don trabalharia oito horas por dia e estudaria pelo menos quatro, para poder formar-se. Tentei convencê-la de que a vida assim ia ser um pouco difícil, mas, afinal de contas, ninguém morre por ter tido um começo de vida de lutas e pequenas dificuldades. Até faz bem.

Pat pretende seguir a carreira artística, mas, por enquanto, prefiro que ele termine o seu curso, na convivência de pessoas da sua idade e da sua mentalidade. É verdade que ele tem muito poder de con-

e filho (actores), desta vez no interior dos estúdios. Patrick é ainda muito jovem, mas já deu boas provas no cinema, e o velho Wayne sente-se orgulhoso.



centração e uma facilidade espantosa para decorar.

Certa vez, Pat teve que aparecer em público, não sei por que motivo, e eu lembrei-me que ele talvez tivesse que dizer algumas palavras. Sugeri-lhe algumas ideias e qual não foi a minha surpresa quando, dez minutos depois, ele repetia, no palco, exactamente as palavras que eu lhe havia dito e de que eu próprio já não me lembrava!

Mesmo assim, não me admiraria se, de um momento para outro, Pat desistisse de ser actor e se tornasse um homem de negócios, como seu irmão Michael. Pode ser que ele não tenha tanto jeito como Mike, mas pelo menos saberia lidar admiràvelmente bem com finanças. Possui muita noção de economia e tenho a certeza de que nunca me deixaria ir à falência.

A minha filha mais nova é muito afectiva, e toda a gente gosta dela. Sei que ela se andou a queixar porque eu ainda não lhe dei um carro. Mas o facto é que faço questão de não mimar os meus filhos, para que eles não encontrem dificuldades na vida de amanhã. É por isso que os faço sempre esperar um pouco pelas coisas que



Num intervalo de filmagens, o notável «astro» recebe a visita de seus dois filhos, Patrick (à esquerda) e Michael.

Eu e os meus filhos

desejam. Essa espera significa o próximo aniversário ou o próximo Natal. Mas, no meu tempo, às vezes tinha que esperar até cinco anos por um sobretudo!

Reconheço que sou um pai camarada. Quando os meus filhos me querem pedir alguma coisa, falam comigo directamente, sem subterfúgios ou táticas. Eu fui educado assim e também nunca usei táticas para obter as coisas de meu pai — excepto uma vez. Era a véspera do Natal e meus pais perguntaram-me se eu não ia escrever para o Pai Natal, julgando que eu acreditasse nele. Aproveitei-me da situação e escrevi uma longa carta, dizendo que o meu maior desejo era ganhar uma bicicleta. Se o Pai Natal não pudesse trazê-la, então que não me trouxesse nada.

Assim que meu pai leu a carta, saiu a correr para a cidade e não sei como foi que ele pôde encontrar uma loja aberta, para comprar a minha bicicleta.

Mas os meus filhos pedem as coisas de frente, e, quando eu digo que não, o assunto fica encerrado.

Os meus filhos não me causam preocupações. São todos saudáveis, leais, incapazes de uma mentira. Foram muito bem educados pela mãe e dão-se muito bem entre si.

Acho que Toni vai ser muito feliz com o marido. É muito querida pela família dele, que não lhe poupa elogios, louvando-lhe a beleza, a meiguice e a inteligência. É por isso que, quando ela chega para visitar os irmãos, todos eles gritam em coro:

— Entra, beldade!

Quando sou eu que chego, o tratamento é ligeiramente diferente, pois eles dizem logo:

— Seja bem-vindo, careca!



O rosto de John Wayne num cartaz de publicidade de «A águia voa ao sol», o último filme em que o célebre artista actuou sob a direcção de John Ford. Dan Dailey e Maureen O'Hara foram os seus companheiros de elenco.



«O Homem Tranquilo», a tão laureada obra-prima de John Ford, teve primorosas interpretações de Maureen O'Hara e John Wayne — o par que temos visto em muitas películas, e que, desde há muitos anos, é o preferido de Ford.

siado e ele era por natureza um homem simples. Tudo quanto podia ambicionar como actor, co-produtor e homem de negócios, estava na sua mão. Os filhos alegravam-lhe a vida; já não eram aqueles meninos com quem só se podia brincar: Miguel tinha 18 anos; Toni 17; Patricio 14 e a pequena Melinda era uma graciosa rapariguinha de 12 anos. Eles sabiam compensá-lo com o seu carinho, as horas de solidão e incompreensão.

Pouco depois, John Wayne casava-se pela



JOHN WAYNE na tela...

John Wayne tem na sua carreira um longo rol de várias dezenas de filmes. Apresentamos, nestas páginas, cenas de algumas das suas mais significativas películas: EM CIMA: «O Homem Tranquilo» (Wayne, Victor McLaglen). EM BAIXO: «Alto e Poderoso» (Wayne, William Campbell). À DIREITA: «Inferno Branco».







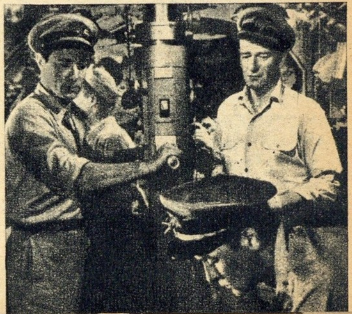
À ESQUERDA E EM BAIX «O Conquistador» (Wayne, S Hayward).

NO FUNDO DA PÁGINA: «He do Pacífico».

EM BAIXO: «A Raposa dos Mares» (Wayne, Lana Turner).







terceira vez. Porém, o desenlace não se fez esperar muito, e a experiência foi breve. Quando estavam casados havia um ano, Pilar Palette e John divorciaram-se, em 1954.

John Wayne é actualmente o actor mais recordado pelos juízes, devido aos seus três divórcios; 150.000 dólares anuais é o custo da sua liberdade. Ele, que ama a vida tranquila do lar, não a soube conservar e escutou severas censuras das suas esposas, que se lamentavam do abandono a que ele as votava.

John encontra-se agora sem nenhum afecto feminino a seu lado, e o facto de ser ele o causador da sua solidão preocupa-o. Já não se sente um homem jovem e portanto a solidão pesa-lhe; tem 47 anos e três fracassos sentimentais. De quem foi a culpa dos fracassos dos seus três casamentos? Ele sabe que tem responsabilidades a cumprir no lar; deu provas de lealdade e ganhou enormes quantidades de dinheiro para conseguir proporcionar à sua casa um elevado nível de vida com todas as comodidades. John recorda que nos últimos dez anos foi considerado como «um dos imortais» pelo povo americano. Muitas poucas estrelas ganharam assim a simpatia e o carinho do público. Ele sabe que tudo deve à sua tenacidade e paciência. Talvez não soubesse escolher a esposa que lhe competia, e os seus três casamentos tinham sido um engano; o espírito burguês de Josefina, Chata e Pilar davam-lhe a impressão, por vezes, de serem estranhas. E então crê que o seu mundo e a sua vida estão nos seus filhos, realidade simples, e nos Estúdios. Ele não soube viver fora dos Estúdios e aí reside o seu fracasso. John Wayne entregou-se por completo ao cinema, fez deste a sua vida e tudo que não seja ele, lhe parece estranho. O seu destino parece que se definiu e portanto tem que se conformar com o que tem. Crê sinceramente que não pedirá nada mais à vida e aceita o destino com um brilho de boa vontade nos olhos.



John e a sua terceira mulher, Pilar, numa reunião de amigos. Tinham já começado os maus tempos, que levariam ao clássico divórcio

Audrey



Hepburn

A INGÉNUA MAIS SUGESTIVA DO CINEMA

no número **13** *de*

Album dos Artistas

- *O seu triunfo inesperado na tela*
- *O seu casamento quase secreto*
- *A sua esplendorosa carreira*

N. 12

PREÇO 2$00





